

ANAIS DO
IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

(Florianópolis, 17 a 23 de julho de 1977)

Organizados pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula

Publicados pela Profa. Alice Piffer Canabrava
Secretário Geral da ANPUH

O HOMEM E A TÉCNICA

Volume II

SÃO PAULO - BRASIL

1979

TELÉGRAFOS NO BRASIL: UMA TÉCNICA ANTIGA NAS COMUNICAÇÕES (*)

DAVID RABELLO

do Departamento de História Social, Política e Econômica - Instituto de História e Serviço Social - UNESP - Franca.

INTRODUÇÃO

Compulsando a documentação relativa ao período joanino no Brasil (1808-1821), encontramos várias referências a despesas com telégrafos. Não poderia, evidentemente, tratar-se do telégrafo elétrico porque este, inventado em 1844, só a partir de 1851 é que passou a ter desenvolvidos seus estudos preliminares no sentido de ser introduzido no Brasil, graças aos esforços do então Ministro da Justiça Eusébio de Queiroz Coutinho Mattoso Câmara e do lente de física Dr. Guilherme Schüch Capanema.

Que tipo de telégrafo seria, então?

Verificando outras fontes e analisando melhor o assunto, constatamos que a necessidade de comunicar-se sempre foi uma constante através dos tempos. Realmente, acontecimentos de toda natureza, principalmente aqueles ligados à segurança do Estado, impõem o homem a procurar uma maneira de comunicar-se rapidamente com outros homens.

Na realidade, a técnica da telegrafia, como meio de comunicação à distância, já existia desde recuados tempos, porque seria um engano supor que a única telegrafia é a elétrica. No passado, fazia-

(*) - Comunicação apresentada na 1a. Sessão de Estudos, Equipe 8, no dia 18 de julho de 1977 (*Nota da Redação*).

se largo uso do telégrafo ótico ou semafórico, importante como meio de comunicação não apenas para a segurança do Estado como também para a transmissão e recepção de determinadas notícias de interesse social.

Não se pode minimizar a importância das comunicações porque comunicar-se é ter Poder. Em outras palavras, a possibilidade de comunicação é um dos componentes do Poder. Pudessem Napoleão ter podido comunicar-se com Grouchy e Waterloo talvez fosse diferente.

Assim sendo, que importância tinha esse telégrafo existente no Brasil? Como funcionava? Qual sua extensão geográfica? Para que servia? Que interesse tinha o governo no seu funcionamento?

Antes de responder a essas indagações, façamos um bosquejo do uso do telégrafo, no passado.

* *
*

AS COMUNICAÇÕES NA ANTIGÜIDADE

A necessidade de comunicação fez com que os antigos chineses engendassem um engenhoso sistema acústico de transmissão da voz humana através de tubos colocados dentro da Grande Muralha. Assim, gritada de 1.500 em 1.500 metros, a partir de Pequim, a voz humana era ouvida e retransmitida por cada mensageiro, de forma que vinte e quatro horas mais tarde a notícia chegava ao Tibete (1).

Não apenas esse tipo de *telefone* era usado. Algumas outras formas primitivas de comunicação também eram postas em vigor. Usavam-nas os Gregos, os Romanos, os Egípcios e os Chineses utilizando o fogo, os gritos nas planícies e os sinais feitos no alto das montanhas (2). Não seriam os sinais de fumaça feitos pelos peles-vermelhas uma forma de telegrafia? De igual forma os avisos luminosos que antigamente faziam os navios com tochas acesas em noites escuras? E os sinais dados com espelhos? E a própria utilização de pombos-correios? E os sinais dados por uma lanterna no campanário de Old North Church, em Boston, numa noite de abril de 1775, para que Paul Revere avisasse os colonos e assim se iniciasse a campanha da independência norte-americana? (3).

Afirma-se que os primeiros sistemas telegráficos foram usados primitivamente com finalidade militar mediante fogo aceso em pontos elevados e visível a grande distância, utilizando-se a fumaça durante o dia e a luz durante a noite.

Teriam sido os Cartagineses um dos povos que mais utilizaram o telégrafo ótico para fins militares, utilizando-se de estações colocadas em pontos estratégicos e de operadores que utilizavam um fanel. Já os Gregos teriam introduzido o uso de bandeiras, compondo com esses sinais alfabéticos com os quais podiam transmitir quaisquer notícias sem necessidade de fórmulas pré-estabelecidas através de frases. Quanto aos Romanos, teriam desenvolvido em seu vasto território um telégrafo ótico baseado no uso de fumaça e de tochas acesas no alto de torres (4).

* *
*
*
*

TELÉGRAFOS EM PORTUGAL

Não temos elementos para saber quando foi instalado em Portugal um sistema organizado de comunicações telegráficas. Alguns documentos (5) que tivemos oportunidade de compulsar, fazem-nos ver, entretanto, que pelo menos no início do século XIX já se operava em Portugal com telégrafos de bandeiras. É de supor-se que esse e outros tipos de telégrafos já existissem em Portugal desde épocas bem mais recuadas porquanto faziam parte de um hábito generalizado e sem dúvida de extrema utilidade.

Um documento firmado por Francisco Antônio e datado de Lisboa (11 de junho de 1807), analisa vários pontos da Capital portuguesa para apontar onde deveria ser instalada uma estação telegráfica que deveria comunicar-se com a de Monsanto. Daí, as linhas continuariam para Salvaterra.

São analisados e excluídos os seguintes pontos: o Castelo de São Jorge porque, apesar de bem situado *sendo tão exocêntrico p^a o S. E., como Mons. to p^a o N.E., vem a ser supérfluo*; a Torre de São Roque por ter pequena a área do terraço; o Edifício do Correio porque, para se tornar operacional, demandaria uma despesa de mais de seis mil cruzados; o Terraço da Estrela porque teria os sinais confundi-

dos com os mastros e vergas dos navios que ficavam no ancoradouro; a Mãe d'água do Rato porque não seria bem visível para todas as linhas; as Torres da Sê por causa da pouca altura (6).

Acaba sendo indicado como ponto ideal para a instalação do telégrafo de Lisboa o Colégio dos Inglezinhos, apesar das seguintes objeções do padre Jeronymo Allen, certamente seu Diretor: que se devassava o Colégio; que o telégrafo embaraçaria as observações astronômicas; que o edifício não podia com o peso do telégrafo.

Essas objeções são respondidas e Francisco Antônio ainda faz uma interessante observação, mostrando que não se deve ampliar o número de telégrafos pois isso pode redundar em demora na transmissão das notícias. Dependendo da distância e do lugar, seria mais interessante, às vezes, mandar a notícia por escrito por meio de um portador, porque, telegraficamente, aumentaria a probabilidade de erros, haveria repetições nas mensagens para dirimir dúvidas (e tanto mais repetições quanto maior fosse o número de estações).

De acordo com o mesmo documento (7) ficamos sabendo também que havia uma ligação telegráfica direta de Mafra para Lisboa, utilizando-se três estações, que eram a de Mafra propriamente dita, a de Monsanto e a de Sabugo. Compreenderemos melhor a importância dessa ligação se nos lembrarmos de que, além de ser Lisboa a sede do governo, periodicamente a pessoa do Monarca ou membros de sua família se demoravam por Mafra.

Conforme já frisamos anteriormente, segundo uma determinada fonte (8), teriam os Gregos utilizado o telégrafo de bandeiras compondo sinais alfabéticos com os quais formavam qualquer frase sem a necessidade de usar fórmulas pré-estabelecidas que correspondessem a determinadas mensagens. Assim,

I Greci introdussero l'uso di bandiere, componendo con esse dei segnali alfabetici con cui potevano trasmettere qualsivisi notizia senza bisogno di un frasario prestabilito.

Não temos, no momento, condições de saber se no começo do século XIX os Portugueses também operavam seus instrumentos telegráficos de conformidade com idêntica técnica. Sabemos, contudo, que usavam cōdi-

gos ou mensagens cifradas por via telegráfica para transmitir notícias de alto interesse para a Nação, como se pode ver da *correspondência criptographica* (9) para comunicação por telégrafo de bandeiras entre Lisboa e Salvaterra e vice-versa, cujos dados achamos interessante trasladar a seguir:

- (a 1) - Chegou o paquete com notícias interessantes.
- (a 2) - Chegou o paquete sem notícias interessantes.
- (a 3) - Saiu a expedição de Inglaterra.
- (a 4) - Saiu a expedição de Inglaterra, segundo dizem, para o Mediterraneo.
- (a 5) - Saiu a expedição de Inglaterra, segundo dizem, para a América Espanhola.
- (a 6) - Saiu a expedição de Inglaterra e não se sabe o seu destino.
- (a 7) - Suspeita-se que a expedição de Inglaterra vá ao Brasil.
- (a 8) - Suspeita-se que a expedição de Inglaterra vá à Madeira.
- (a 9) - O paquete trouxe notícias da formação da coalisão do Norte.
- (a 0) - O paquete trouxe notícias de esperança de negociação de paz.
- (b 1) - Tem-se reforçado a esquadra de Sir John Order no Oceano.
- (b 2) - Tem-se reforçado a esquadra de Nelson no Mediterraneo.
- (b 3) - Levantou-se o bloqueio de Cádiz.
- (b 4) - Os Ingleses bloqueiam também os portos de Espanha no Mediterraneo.
- (b 5) - Os Ingleses não deixam entrar trigo nos portos bloqueados.
- (b 6) - Os Ingleses deixam entrar víveres nos portos bloqueados.
- (b 7) - Os Ingleses atacaram Porto Mahon.
- (b 8) - Saiu a expedição de Inglaterra, segundo se diz, para o Báltico.
- (b 9) - Saiu a expedição de Inglaterra, segundo se diz, para São Domingos.
- (b 0) - Avisa-se que o Cabo fora tomado pelos Ingleses.
- (c 1) - Avisa-se que o Cabo tem resistido ao ataque dos Ingleses.
- (c 2) - À Inglaterra chegaram novas proposições de paz por parte da França.
- (c 3) - Continuam as notícias extravagantes de Londres.
- (c 4) - Entrou uma embarcação inglesa com despachos para Sibi-Gerald.

- (c 5) - A Gibraltar têm chegado tropas consideráveis.
- (c 6) - No porto de Lisboa entram neste instante transportes ingleses com tropas.
- (c 7) - A Londres chegaram de Paris novos negociadores.
- (c 8) - Mouve um combate entre a esquadra de Toulon e a de Lord Melson.
- (c 9) - As notícias de França são indiferentes.
- (c 0) - As notícias de Paris anunciam disposições para a paz.
- (d 1) - Chegou um expresso francês de Paris.
- (d 2) - Continuam a queixar-se os Franceses do atraso do pagamento do subsídio.
- (d 3) - Hã notícias vagas que o Governo Francês insiste na clausura dos portos de Portugal aos Ingleses.
- (d 4) - Hã notícias um pouco sérias que os Franceses insistem na clausura dos portos de Portugal aos Ingleses.
- (d 5) - Saiu a esquadra de Brest.
- (d 6) - Saiu a flotilha de Bolonha.
- (d 7) - A flotilha de Bolonha tem tido combate com os Ingleses.
- (d 8) - A flotilha de Bolonha foi mal sucedida em um combate.
- (d 9) - O conde de Cobenzl partiu de Paris.
- (d 0) - O General Brienne partiu de Constantinopla.
- (e 1) - Entrou uma presa francesa.
- (e 2) - Consta oficialmente de Paris haver já partido dali o General Junot.
- (e 3) - O General Junot chegou a Madrid.
- (e 4) - Consta que a esquadra de Rochefort chegou a Tenerife.
- (e 5) - Sabe-se que a esquadra de Toulon se foi reunir ã do Almirante Linnis.
- (e 6) - O Imperador dos Franceses partiu para Itália.
- (e 7) - Consta que o Imperador dos Franceses já não parte para Itália.
- (e 8) - De França tem partido para Espanha, Marinheiros.
- (e 9) - Sabe-se que a esquadra de Toulon se dirigiu para o Egito.
- (e 0) - As notícias de Espanha são indiferentes.
- (l a) - As notícias de Madrid anunciam disposições no governo fran-

cês para nos obrigarem a fechar os portos.

- (2 a) - Chegou um expresso ao embaixador de Espanha.
- (3 a) - O embaixador de Espanha insiste sobre a neutralização dos trigos.
- (4 a) - O general Moreau está com efeito empregado em Espanha no campo de São Roque.
- (5 a) - Entrou uma presa espanhola.
- (6 a) - De Madrid consta haver dalí partido um negociador para Londres.
- (7 a) - Os armamentos navais prosseguem em Espanha com grande atividade.
- (8 a) - Os armamentos navais em Espanha têm afrouxado.
- (9 a) - A Baiona têm chegado tropas francesas.
- (9 0) - E, Baiona se preparam armazẽs de provisões de boca.
- (1 b) - Avisa-se que o Imperador da Áustria aumenta as forças da sua tropa para a parte de Itália.
- (2 b) - A harmonia da Áustria com a França parece pouco durável.
- (3 b) - O Imperador de Alemanha fez diminuir o número de tropas nas fronteiras de Itália e do Tirol.
- (4 b) - Aumenta-se o número de tropas russas na República das Sete Ilhas.
- (5 b) - Avisa-se que a Rússia se presta às solicitações da Prússia para acomodamento.
- (6 b) - Avisa-se que a Rússia não se presta às solicitações da Prússia para acomodamento.
- (7 b) - Chegou notícia da conclusão de um tratado entre a Porta e a Rússia contra a França.
- (8 b) - O Imperador da Alemanha mandou retirar as suas tropas das fronteiras do Tirol.
- (9 b) - Chegou a notícia de ter Nápoles fechado os portos aos Ingleses.
- (0 b) - O projeto do estabelecimento de um rei na Lombardia está de todo desvanecido.
- (1 c) - Confirma-se a notícia de se terem mandado confiscar nos Portos e Cidades da Etrúria as propriedades Inglesas.

- (2 c) - Consta oficialmente que se acha já organizadda a nova consti
tuição Batava.
- (3 c) - Consta oficialmente que Schimalpeninck ficarã ã testa do go-
verno batavo.
- (4 c) - Os Ingleses tomaram Porto Mahon (10).

* *
*

CORRESPONDÊNCIA CRIPTOGRÁFICA DE SALVATERRA PARA LISBOA POR
TELEGRAFOS DE BANDEIRAS

- (a 1) - S.A.R. ordena que V. Exa. venha a Salvaterra domingo.
- (a 2) - S.A.R. ordena que V. Exa. venha a Salvaterra segunda-feira.
- (a 3) - S.A.R. ordena que V. Exa. venha a Salvaterra terça-feira.
- (a 4) - S.A.R. ordena que V. Exa. venha a Salvaterra quarta-feira.
- (a 5) - S.A.R. ordena que V. Exa. venha a Salvaterra quinta-feira.
- (a 6) - S.A.R. ordena que V. Exa. venha a Salvaterra sexta-feira.
- (a 7) - S.A.R. ordena que V. Exa. venha a Salvaterra sãbado.
- (a 8) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra o visconde de Anadia do
mingo.
- (a 9) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra o visconde de Anadia se
gunda-feira.
- (a 0) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra o visconde de Anadia ter
ça-feira.
- (b 1) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra o visconde de Anadia
quarta-feira.
- (b 2) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra o visconde de Anadia
quinta-feira.
- (b 3) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra o visconde de Anadia
sexta-feira.
- (b 4) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra o visconde de Anadia sã
bado.
- (b 5) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra Luiz de Vasconcelos do
mingo.
- (b 6) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra Luiz de Vasconcelos se-

- gunda-feira.
- (b 7) S.A.R. ordena que venha a Salvaterra Luiz de Vasconcelos terça-feira.
- (b 8) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra Luiz de Vasconcelos quarta-feira.
- (b 9) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra Luiz de Vasconcelos quinta-feira.
- (b 0) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra Luiz de Vasconcelos sexta-feira.
- (c 1) - S.A.R. ordena que venha a Salvaterra Luiz de Vasconcelos sãbado.
- (c 2) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao marquês de Vagos para que ...
- (c 3) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao General Fortes para que ...
- (c 4) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao Inspetor de Cavalaria para que ...
- (c 5) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao Inspetor de Artilharia para que ...
- (c 6) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao Arsenal para que...
- (c 7) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem à Tesouraria para que ...
- (c 8) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao General do Alentejo para que ...
- (c 9) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao General do Algarve para que ...
- (c 0) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao General da Beira para que ...
- (d 1) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao General do Minho para que ...
- (d 2) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao General de Trãs-os-Montes para que ...
- (d 3) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem ao General do Porto para que ...
- (d 4) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva ao Embaixador de Espanha a respeito de ...
- (d 5) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva ao Enviado de Inglaterra a respeito de ...

- (d 6) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva ao Encarregado de Negócios de França a respeito de ...
- (d 7) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva para Paris a respeito de...
- (d 8) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva para Madrid a respeito de ...
- (d 9) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva para Londres a respeito de ...
- (d 0) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva para Petersburgo a respeito de ...
- (e 1) - S.A.R. aprova os ofícios de que V. Exa. mandou cópia e os pode expedir.
- (e 2) - S.A.R. quer que se expeça o Correio para Madrid.
- (e 3) - S.A.R. quer que se expeça o Correio para Paris.
- (e 4) - S.A.R. quer que se suspenda a partida do Correio para Madrid.
- (e 5) - S.A.R. quer que se suspenda a partida do Correio para Paris.
- (e 6) - S.A.R. quer que se suspenda a partida do paquete.
- (e 7) - S.A.R. ordena que V. Exa. passe ordem a ...
- (e 8) - S.A.R. ordena que V. Exa. escreva a ...
- (e 9) - S.A.R. quer que venha a Salvaterra ...
- (e 0) - S.A.R. não quer que venha a Salvaterra ... (11).

Como se pode ver (12), era a telegrafia através de semáforas utilizada em Portugal no começo do século XIX. Certamente o era antes também. Variados motivos exigiam, naturalmente, o emprego deste meio de comunicação, mas ainda aqui é interessante ressaltar a iniciativa do governo em vista da necessidade de segurança do Estado.

Está patente que a política internacional era objeto de sumo interesse por parte do governo português. E não sem motivo, evidentemente, uma vez que Portugal era parte interessada nas contendas e estava ameaçado. A integridade do Estado e a segurança da Monarquia estavam em jogo, razão pelo qual era importante poder contar com comunicações rápidas que atalhassem eventuais ameaças e pusessem a salvo as pessoas do Soberano e de membros da Corte.

De conformidade com esses códigos telegráficos, percebemos que as movitações de Junot são observações de longe (13), provavelmente

através de espionagem. Uma das informações diz que

"Consta oficialmente de Paris haver já partido dali o general Junot".

e outra esclarece que já

"chegou a Madrid".

Não seria isso um indício de que o governo de D. João teria tido, pelo menos, um pouco de tempo para preparar-se antecipadamente a fim de sair de Lisboa e refugiar-se no Brasil?

Por outro lado, a movimentação de tropas e de navios é sempre acompanhada. Informa-se da saída da expedição de Inglaterra, especulando-se se ela vai para o Mediterrâneo ou para a América Espanhola ou para a Madeira e até mesmo para o Brasil. No caso de D. João atender realmente as exigências de Napoleão não seria de temer que a Inglaterra, de fato, desembarcasse tropas no Brasil? Ou assegurasse um ponto vital nas comunicações e no tráfego marítimo, ocupando a Madeira?

Muitas outras ilações poderíamos extrair e muitos outros comentários poderíamos fazer a respeito dos códigos utilizados para essa "correspondência criptográfica" utilizada em Portugal. Fica, contudo, o campo aberto para outros pesquisadores. Passemos ao Brasil.

* *
* *

TELEGRAFOS NO BRASIL

Desde quando foram utilizados os telégrafos óticos no Brasil? Teriam sido introduzidos ainda no período colonial? Um autor (14) levanta essa possibilidade quando afirma, embora de maneira um tanto vaga que

"Desde os tempos coloniais se tem a idéia dos signaes telegraphicos para o serviço do movimento maritimo: é assim que foram estabelecidas as estações semaphoricas nos morros do Castelo e Babylonia, Fortaleza de Willegaignon e Santa Cruz".

Entre ter "*a idéia*" e concretizá-la, naturalmente existe uma distância. Tudo leva a crer, no entanto, que realmente o telégrafo ótico era utilizado no Brasil, durante o período colonial, para comunicações marítimas, mesmo porque tal fato não implicaria em qualquer conquista técnica de vulto e já era relativamente corriqueiro em outras partes. Parece, por outro lado, que o próprio Liberato de Castro CARREIRA está afirmando que os telégrafos existem desde o período colonial, no Brasil, pois no trecho acima, embora ele diga que desde os tempos coloniais se tem "*a idéia*", logo adiante afirma de forma mais esclarecedora que "*é assim que foram estabelecidas as estações semaphoricas ...*" Podemos, portanto, deduzir, que realmente os telégrafos eram utilizados no Brasil desde o período colonial em bora esse "*movimento marítimo*" a que alude o autor acima possa ser visto de uma forma mais abrangente.

Vamos encontrar, assim, uma afirmativa mais incisiva a respeito do assunto na obra de Roberto C. SMITH e Gilberto FERREZ (15) sobre pinturas e desenhos feitos por Franz FRÜBECK quando esteve no Brasil nos anos de 1817 e 1818. Dizem esses autores que uma das vistas que aquele pintor reproduziu durante a sua permanência no Rio foi a Estação do Telégrafo semafórico, situada no Morro do Castelo e que havia sido estabelecida em 1775 com o propósito de notificar

os habitantes da chegada de navios no porto por uma sêrie de bandeiras chamadas "*os sinais do porto do Rio de Janeiro*", as quais indicavam por diferentes cores e posições a nacionalidade, tipo do navio, porto de partida, duração da viagem, carregamento de cada navio que entrava. Diagramas desses sinais foram publicados em almanaques e afixados nas casas dos cidadãos abastados, e algumas pessoas conheciam-nos de cor, como Luiz Joaquim dos Santos Marrocos.

Realmente, MARROCOS (16) afirmava conhecer os sinais que eram feitos pelas bandeiras no alto do Morro do Telégrafo, e, como ele, várias outras pessoas tinham o mesmo interesse. Representavam, portanto, os Telégrafos, um centro de atração e de curiosidade pública. Quanto à data de sua instalação, não sabemos se realmente foi em 1775, como afirmam SMITH e FERREZ (17) ou anteriormente. De qualquer forma, poderíamos conjecturar, caso realmente a data fosse esta, se tal iniciativa não procurava levar em conta o fato de o Rio de Janeiro ser a nova Capital (desde 1763), ou a prevenção de novos ataques, como ocorreram no princípio do século com DUCLERC e DUGUAY-TROUIN, ou finalmente uma precaução tendo em vista a ameaça espanhola e as lutas nas fronteiras do sul.

Seja como for, é interessante ressaltar que enquanto o Brasil ainda utilizava telégrafos óticos ou semafóricos no fim do século XVIII e começo do XIX, na França já se faziam experiências inovadoras, como as do abade CHAPPE, que conseguiu estender em Paris uma rede de comunicações e enviar mensagens até a doze quilômetros (18). No fim do século XVIII já se faziam, inclusive, na França, experiências com telégrafos que mais tarde viriam a resultar no telégrafo elétrico de 1844.

Se o uso de variadas formas de telecomunicações (telégrafos óticos, semafóricos, acústicos, por pombos-correio e outras aves), já era uma prática antiquíssima e se o telégrafo de bandeiras (e quicã de outras modalidades) já era comumente usado em Portugal, nada mais natural que o uso dos telégrafos fosse introduzido no Brasil pelos portugueses. Mas teria sido realmente 1775 a data do início da utilização sistemática dos telégrafos no Brasil ou esta data se refere apenas ao Rio de Janeiro? Ou antes desta data, em outro sítio qualquer do próprio Rio de Janeiro, já se utilizavam os telégrafos? É um

fato a ser constatado.

O certo é que, dominando os portugueses a técnica da telegrafia, embora menos adiantados que os franceses, por exemplo, era natural que eles introduzissem o telégrafo no Brasil, mesmo porque aqui eram as distâncias maiores e as necessidades, se não mais prementes, pelo menos iguais.

Se o telégrafo já existia no Brasil desde a segunda metade do século XVIII, maior razão existiria para a sua expansão depois da chegada da corte em 1808, pois maiores eram os compromissos. A permanência de D. João no Rio de Janeiro, que implicou em melhoramentos de toda ordem para a cidade e iniciativas pioneiras para o país, parece que propiciou também uma extensão do serviço telegráfico, pois vários autores fazem alusão ao assunto (embora, geralmente, de maneira perfunctória). LUGG, por exemplo (19), reportando-se a algumas transformações ocorridas durante a permanência da Corte no Brasil, refere-se ao telégrafo que foi erguido

"ao longo do litoral".

Não nos foi possível encontrar documentação mais elucidativa a respeito do assunto, mas a afirmativa do comerciante inglês permitte-nos levantar algumas indagações.

Por que ao longo do litoral?

É sabido que quando os navios chegavam a um porto (existiam telégrafos óticos na Bahia, em Pernambuco, no Ceará, no Maranhão e em Santa Catarina (20), as grandes bandeiras de diversas cores e formatos que eram colocadas estrategicamente no alto de um morro bem situado davam sinais à população sobre o tipo de navio que se aproximava, qual a sua nacionalidade, a carga, o porto de origem. Evidentemente, também as autoridades ficavam inteiradas dos movimentos desses navios.

Esses telégrafos, que segundo LUGG foram instalados *ao longo do litoral*, estariam apenas nas cidades mais importantes e se destinariam a identificar os navios e a receber essas notícias comuns ou estariam as semáforas colocadas em pontos estratégicos, *ao longo do litoral*, de sorte que informações importantes e urgentes pudessem ser transmitidas à Corte através dos vários postos telegráficos?

A colocação do problema é procedente se nos lembrarmos de que as comunicações têm uma importância fundamental para a segurança do Estado, para a estabilidade do governo, para a integridade do país para a defesa do trono, para a salvaguarda das instituições, para a própria preservação das forças armadas, sem contar o que elas podem trazer de bem-estar para a coletividade.

Sobreleva notar também que nesse período o governo de D. João está engolfado na campanha da Banda Oriental, a que se dedicou com tanta pertinência. Poder-se-ia inquirir se esse telégrafo *ao longo do litoral* não visava também propiciar uma maior rapidez na recepção das notícias (tão importantes) relativas a essa guerra através da qual o Príncipe Regente procurava fronteiras mais seguras para a América Portuguesa.

Esse ponto de vista atinente a uma maior rapidez nas comunicações ao longo do litoral parece adquirir mais consistência se nos prendermos a uma passagem de OLIVEIRA LIMA (21) na qual, dando uma idéia de velocidade na solução dos negócios públicos, afirma que no período joanino

"Os processos judiciários adquiriram maior presteza; o correio estendeu-se a todas as capitâneas; estabeleceu-se o telégrafo aéreo na costa; (...)"

Embora OLIVEIRA LIMA não tenha citado fonte de sua informação, não deixa de ser, sem dúvida, um novo testemunho que vem reforçar a afirmativa de LUCCOCK. Tudo parece indicar que realmente se visava conseguir a montagem de um sistema de comunicações (precário, sem dúvida, em vista das condições técnicas da época), mas que possibilitasse à Corte a recepção de notícias, com a brevidade que fosse possível, ao longo do litoral. Outros autores parecem vir, ainda, em abono desse ponto de vista, como é o caso de von LEITHOLD e von RANGO (22), que afirmam:

"Num dos morros da cidade existe um telégrafo, que se comunica, creio eu, com Pernambuco".

Embora não sejam taxativos quanto ao destino da linha telégrafica, levantam, todavia, uma possibilidade. Como teriam dito no texto original? Não nos foi possível conferir. Por outro lado, se von

LEITHOLD *crê* que a comunicação telegráfica se destina especialmente a Pernambuco, embora esta crença aí esteja no sentido de suposição, não podemos sem mais nem menos descartar essa probabilidade. Embora sua afirmativa não seja propriamente concludente, também não é negativa. Pelo contrário. Se não fica uma *certeza* pelo menos resta uma pista. É promissora.

Não nos esqueçamos de que os apontamentos dos dois prussianos se referem ao ano de 1819. O governo de D. João poderia estar perfeitamente escarmentado com a manifestação rebelde da capitania, dois anos antes. As feridas estavam abertas e ainda sangravam. Pernambuco não merecia confiança. Por medida de precaução, é razoável supor que o Monarca desejasse estar em condições de receber quaisquer notícias urgentes e importantes procedentes do Norte. Tanto não existia confiança que nova explosão ocorrerá em 1824.

Mas o texto dos alemães adianta algo mais. Eles não dizem que esse telégrafo que existe num dos morros da cidade é apenas uma estação receptora e transmissora tendo em vista os navios que se aproximavam. Além de "*acreditar*" que a linha se destinava a Pernambuco, ainda esclarecem em nota de pé de página que o telégrafo se comunica do Morro do Castelo com Cabo Frio

"mediante sinais semafóricos" (23).

Ora, entre o morro do Castelo (24) e Cabo Frio em linha reta encontramos mais ou menos 130 quilômetros, distância considerável para comunicações desse tipo. Não haveria, portanto, outras extensões dessa linha em direção ao Norte? De qualquer forma, se era possível haver uma comunicação "*mediante sinais semafóricos*" entre o Morro do Castelo e Cabo Frio, é muito provável que pudesse haver também com Pernambuco mediante o uso de estações telegráficas intermediárias, colocadas estrategicamente, aqui e ali, em determinados pontos do Litoral.

Poderíamos também aventar outra possibilidade: mesmo que não houvesse uma linha contínua de estações telegráficas em terra, nos pontos mais elevados, não poderia existir outro sistema de comunicações "*ao longo do litoral*", combinando postos telegráficos nos morros e unidades navais.

Ainda que não deixe de entrever exatamente essa possibilidade, o Padre Perereca (25), contudo, acaba evidenciando a importância das comunicações a longa distância quando se refere ao conflito pernambucano de 1817:

"No dia 18 de maio, e no seguinte 19 por um feliz engano houve nesta Corte um geral contentamento, e iluminação das respectivas noites, tomando-se pela escuna de aviso, que todos ansiosamente esperavam, da pacificação do tumulto pernambucano, um brique inglês, que apareceu ao longe embandeirado e os telégrafos anunciaram ser o correio, que trazia novas tão apetecidas;"

Que "escuna de aviso" seria essa? Teria vindo diretamente de Pernambuco ou ficaria no mar, a meio caminho, aguardando informações para então levar ao Rio o "aviso"?

O certo é que antes da adoção do telégrafo elétrico, na década dos 50, do Oitocentos, as outras formas de telegrafia tiveram largo emprego no Brasil, principalmente a partir da chegada da Corte, em 1808. A contabilidade do Real Erário Registra, nesta época, elevadas despesas com telégrafos, da ordem de algumas dezenas de contos de réis por ano (26), deixando entrever que se tratava de atividade de culto dentro do quadro geral da administração pública (27).

Não apenas era o telégrafo utilizado no litoral. Através de uma linha de onze léguas comunicava-se a Fazenda de Santa Cruz com o Rio de Janeiro, utilizando os postos da própria Fazenda, de Santa Clara, Viegas, Monte Alegre e Cascaçura (28). Compreende-se tal fato, entre outros motivos, pela circunstância de em muitas ocasiões membros da Família Real permanecerem na mencionada Fazenda (29) e assim poderiam cuidar melhor de sua segurança ou tratar eventualmente de assuntos urgentes que surgissem.

Tudo mostra que o uso do telégrafo como meio de comunicação rápida e que abrangia uma distância relativamente longa (tudo isso dentro das limitações da época) era realmente grande, embora ficasse muito longe de atender às variadas exigências de ordem administrativa. Depois de 1845, por exemplo, quando foi posto em vigor o Bill Aberdeen e os navios negreiros passaram a ser apresados pelos ingleses que se reservavam o direito de julgar em tribunais também ingleses as tripulações brasileiras, surgiu a necessidade de se pôr cobro ao

tráfico escravo da maneira mais rápida e eficiente possível. Os traficantes continuavam agindo e com isso criavam situações embaraçosas para o governo brasileiro. Surgiu, por isso, em 1850, a lei Eusébio de Queiroz que cominava severa punição aos mercadejadores de escravos. Ainda assim não foi possível extinguir o ilícito comércio. Como, por isso, em 1851, sob os auspícios do próprio Eusébio de Queiroz, as primeiras tentativas no sentido de estabelecer no Brasil o recém-inventado telégrafo elétrico, vendo-se nessa nova conquista técnica um instrumento eficiente e poderoso para cercear a ação dos contrabandistas (30).

A iniciativa de instalação do telégrafo elétrico não se restringe apenas ao Rio de Janeiro, mas estende-se a outras províncias. Logo no ano seguinte, em 1852, já se constitui em São Paulo uma comissão presidida por José Jacques da Costa Ourique tendo em vista elaborar um projeto de telégrafo elétrico-magnético que ligasse a Capital da Província com Santos (31).

Contudo, ou porque a instalação do telégrafo elétrico se processasse com uma certa lentidão ou porque o sistema anterior possuísse a sua específica utilidade, o certo é que, nos primeiros tempos, o telégrafo ótico continuou sendo utilizado juntamente com o telégrafo elétrico e as estações eram ligadas à rede elétrica (32). Ainda no século XX continuaram algumas estações semaforicas sendo utilizadas em alguns pontos do litoral onde não havia estação rádio-telegráfica, sendo desativadas em seguida, restando no ano de 1939 um posto semaforico na ilha de Cottinga, no porto de Paranaguá e outro no Farol da Barra, em Salvador (33).

De tal maneira as instalações de um telégrafo caracterizavam uma determinada região, que acabavam influenciando na toponímia. O Rio antigo possuía o seu "Morro do Telégrafo" (34) e a cidade de São Paulo chegou a possuir também um bairro que tinha esse nome (35), talvez em virtude das instalações de algum posto telegrafico de bandeiras.

* *

*

C O N C L U S Õ E S

Retomando a linha de argumentação e de análise crítica traçada nesse trabalho, podemos, em suma, concluir que

- a) - tudo indica que o telégrafo de bandeiras já funcionava no Brasil no período colonial, pelo menos depois da mudança da Capital para o Rio de Janeiro;
- b) - aparentemente, a utilização do telégrafo se revestia de importância porque permitia ao Governo receber com uma certa rapidez notícias de interesse militar, político e social;
- c) - é provável que os telégrafos cobrissem uma longa linha de comunicação através do litoral brasileiro.

A procura de novos e eficientes meios de comunicação quase sempre se processa por iniciativa do Estado, quando este se vê aguilhoado por necessidades de várias naturezas ou principalmente por motivo de segurança.

Em todas as épocas tem sido assim. No caso do Brasil, o telégrafo de bandeiras foi largamente usado depois da vinda da Corte, estendeu-se para o telégrafo elétrico pelo imperativo de melhor combater o contrabando de escravos e para poder cobrir as comunicações num território tão vasto e num total tão longo.

A segurança do Estado está quase sempre presente. Quando Rondon, através de inúmeros caminhos estendeu penosamente as linhas telegráficas através das selvas brutas para interligar pontos distantes do Brasil, não estaria agindo assim em decorrência da experiência do Acre?

Quando, hoje, cobrimos nosso território com as comunicações através das micro-ondas, não está presente mais uma vez a iniciativa do Estado?

I N T E R V E N Ç Õ E S

Da Profa. *Alice Canabrava* (da Universidade de São Paulo) .

Pergunta:

"No período colonial existia telegrafia?"

*

Do Prof. *Sérgio de Oliveira* (FURJ)

Indaga:

"Quais os instrumentos óticos já existentes, uma vez que a distância parece bastante grande?"

* *

*

RESPOSTAS DO PROF. DAVID RABELLO

À Profa. *Alice Canabrava*.

"Tudo indica que sim. Encontramos apenas uma referência à existência do telégrafo de bandeiras no Rio de Janeiro, em 1775. Sem dúvida, devia existir, pois a telegrafia existe desde a Antiguidade. Como os portugueses dominavam a técnica da telegrafia, era natural que utilizassem no Brasil esse meio de comunicação".

*

Ao Prof. *Sérgio de Oliveira*.

"Não encontramos documentação mais esclarecedora a respeito. O que parece indubitável, segundo os vários testemunhos da época, é que realmente se cobriam grandes distâncias".

NOTAS

- (1) Cf. Torres, Mário - "Memória Histórica sobre os Correios". Separata da *Revista do Instituto Geographico e Histórico da Bahia*, nº. 65, Bahia, 1939, p. 131.
- (2) *Id.*, p. 106.
- (3) Cf. Pastore, John O. - *A História das Comunicações - Da Luz da Lanterna ao Telstar*, Cultrix, São Paulo, 1966, p. 15.
- (4) Cf. *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani, Roma, 1950, p. 422.
- (5) Cf. Cx. 691, pac. 2 - Seção de Arquivos Particulares - *Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro.
- (6) *Ib.*
- (7) *Ib.*
- (8) Cf. *Enciclopedia Italiana*, op. cit.
- (9) Cf. Cx. 691, pac. 2 - *Arquivo Nacional*, op. cit.
- (10) Daí para frente estão em branco os artigos relativos aos sinais 5c a 0c assim como as séries 1d e 1e.
- (11) Daí para frente estão em branco os artigos relativos aos sinais restantes, isto é, 1b a 0b, 1c a 0c, 1d a 0d e 1e a 0e.
- (12) Cx. 691, pac. 2 - op. cit. Atualizamos a ortografia.
- (13) *Ib.*
- (14) Cf. Carreira, Liberato de Castro - *História Financeira e Orçamentária do Império do Brasil desde a sua Fundação, Precedida de alguns apontamentos acerca da sua Independência*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1889, p. 783.
- (15) "Another of the sights of Rio de Janeiro which Franz Frühlbeck recorded during his brief stay there was the Semaphoric Telegraph station on the Morro do Castelo, of Castle Hill, where the city was founded in 1516. Established in 1775, its purpose was to notify the inhabitants of the arrival of ships in the harbor by a series of banners called *The Signals of the Port of Rio de Janeiro*, which indicated by different colors and positions the nationality, type of ship, port of departure, length of voyage, and cargo of each entering vessel. Charts of these signals were published in almanacs and posted in the houses of well-to-do citizens. Some people, like the librarian Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, knew them by heart. Once in 1818, he wrote to his father in Portugal, "Now there goes the signal of a ship from Lisbon, I hope this time there will be a letter for me..."

"Franz Frühlbeck made the telegraphic station one of his most attractive paintings. Against a vividly blue sky, with just the suggestion of a few like those that Candido Portinari painted in the late 1930's, appear the ruins of the old fort of St. Sebastian, severely damaged in the floods of 1811. Here can be seen the masts

- and signaling device". Cf. Smith, Robert C. and Ferrez, Gilberto -- *Franz Frilhbeck's Brazilian Journey. A Study of Some Paintings and Drawings made in the Years 1817 and 1818 and now in the Possession of the Hispanic Society of America*. University of Pennsylvania Press, Hispanic Society of America, Philadelphia, s.d., p. 73.
- (16) Cf. Marrocos, Luiz Joaquim dos Santos - "Cartas de (...) escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821". In *Arquivos da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 56, 1934, pp. 323-324.
- (17) Cf. Smith; Robert C. and Ferrez, Gilberto - *Op. cit.*, p. 73.
- (18) Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXI, pp. 87-102.
- (19) Cf. Luccock, John - *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes Meridionais do Brasil, tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818*, Livraria Martins, São Paulo, 1942, p. 166.
- (20) Cf. *A Repartição Geral dos Telegraphos: Memória Historica* - Departamento dos Correios e Telegraphos, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1909, p. 2.
- (21) Cf. Lima, Manoel de Oliveira - *Dom João VI no Brasil (1808-1818)*, 2a. ed., José Olympio, São Paulo, 1945, I, p. 224.
- (22) Cf. Leithold, John; Gottfr. Theodor von e Rango, Fried. Ludwig von - *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*, Brasileira, vol. 328, Ed. Nacional, São Paulo, 1966, p. 18.
- (23) *Ib.*
- (24) Seria o Morro do Castelo que também tinha o nome de *Morro do Telégrafo*? Num dos trechos da sua obra diz Luccock: "*Um ramo dessa mesma estrada (perto da praia de Botafogo) segue através de uma pequena planície em que abundam 'locais de retiro e quietude', para os dias de ócio. No seu prolongamento passa ao pé do Morro do Telégrafo, por entre pinheiros de indescritível beleza.*" *Op. cit.*, p. 189.
- (25) Cf. Santos, Luiz Gonçalves dos - *Memórias para servir à História do Reino do Brasil*, Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1943, II, p. 552.
- (26) Cf. Real Erário e Tesouro Público. "Balancos da Contadoria Geral da Segunda Repartição do Real Erário (1807-1813)". Cx. i F I 8 (várias pacotilhas); *Idem* (1814-1824). Cx. 784 (3 pacotilhas). *Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro.
- (27) Cf. "Demonstração da Receita e Despesa do Real Erário em todo o anno de 1810". Lata 53. Documento 11 - I.H.G. B. - Rio de Janeiro.
- (28) Cf. *A Repartição Geral dos Telegraphos: Memória Historica*, *op. cit.*, p. 2.
- (29) Cf. "Imperial Fazenda de Santa Cruz". Cód. 1.122, 10 volumes. *Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro.
- (30) "*It is reported that Euzebio de Queiroz decided to discontinue the slow-working optical telegraph, which up to that time had*

been the only means of transmitting messages in Brazil, as rapid communication between Rio de Janeiro and the port of Mangaratiba had become imperative so as to prevent the illegal landing of slaves, which was a frequent occurrence in those days". Cf. Berthold, Victor M. - *History of the Telephone and Telegraph in Brazil (1815-1921)*, New York, 1922, p. 4; *A Repartição Geral dos Telegraphos: Memória ...*, op. cit., 3; Torres, Mário - op. cit., p. 118; Senna, Ernesto - *O Telegrapho no Brasil*, Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C., Rio de Janeiro, 1904, p. 5.

- (31) Cf. *Aurora Paulistana* de 28-03-1852, nº 30, fis. 3 e 4.
- (32) Cf. Torres, Mário - *Op. cit.*, p. 106.
- (33) *Ib.* O ano de 1939 é o da data da publicação do artigo na *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*. Não tivemos possibilidade de constatar se esses postos ainda existem até hoje.
- (34) Cf. Luccock, J. - *Op. cit.*, p. 189.
- (35) Cf. "Livro de Chamadas da Escola do Bairro do Telégrafo (1903-1905)". São Paulo. Manuscritos. Livro 217. Nº de ordem 2987. *Arquivo do Estado de São Paulo*. Sobre telégrafo de bandeiras existe também no Arquivo do Estado de São Paulo interessante documento abrangendo o período de 1819 a 1828 que não tivemos oportunidade de examinar porque na ocasião se encontrava retirado para ser encadernado. Cf. "Tábuas Telegráficas". 1819-1828. Nº 299. Manuscritos. Nº de ordem 454. Lata 96. *Arquivo do Estado de São Paulo*.